

OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE

Amor, contabilidade criativa e dívida

As actividades contabilizadas oficialmente e as que não são podem ser expressas na mesma unidade de medida, mas não podem ser metidas no mesmo saco

**Carlos Pimenta**

1. O Instituto Nacional de Estatística apresentou os seus cálculos da “economia não observada” (ENO), referindo as novas normas europeias, preparadas há vários meses mas só agora anunciadas. Procurámos, e solicitámos, informações metodológicas sobre as técnicas utilizadas, mas sem resultado.

Dessa revelação oficial e dos valores apresentados para a actualidade resultam alguns problemas. O primeiro tem a ver com o valor estimado para a ENO, porque tal reflecte uma certa leitura da nossa sociedade. O segundo é a sua inclusão, ou não, na contabilidade nacional e o significado social e epistemológico que a envolve. Concomitantemente, dada a importância do Produto Interno Bruto (PIB) na avaliação da economia e nas metas políticas, as manipulações sócio-políticas são um corolário dos aspectos anteriores, por muita honestidade que as instituições estatísticas europeias e nacionais revelem.

Poder-se-ia ainda interrogar sobre o significado ético de tais medidas e especular sobre duas possibilidades alternativas: permitir o interdito para “facilitar” a economia ou reforçar o interdito para “facilitar” os cálculos.

2. O valor é um problema menor. Os seus montantes dependem da possibilidade da metodologia utilizada abarcar a realidade subjacente, não registada formalmente, mas existente. Se com os aspectos considerados calculam 15% da economia efectivamente registada, a inclusão de outros aspectos da economia subterrânea (ex. a ausência de contabilização e as manipulações contabilísticas para as diversas formas de fuga fiscal eventualmente envolvendo offshores), da economia ilegal (ex. tráfico de seres humanos e de órgãos, negócios de guerra, pesca ilegal, captura de espécies proibidas, lixo tóxico, etc.) e da economia infor-

mal, certamente conduziria a valores bastante maiores. O fundamental é acompanhar os cálculos com as informações metodológicas que permitam verificar o que está, ou não, englobado no montante encontrado.

3. O PIB é um agregado importante que exige transparência do seu conteúdo e uma transposição simbólica perceptível por todos. As actividades contabilizadas oficialmente pelos agentes económicos e as que o não são podem ser expressas na mesma unidade de medida, mas reflectem realidades sociais suficientemente distintas para não serem metidas no mesmo saco.

Além disso, essa inclusão, assim como a identificação entre “produção” e “criação de utilidade”, assim como a adopção do “valor de mercado” mesmo quando o mercado não existe, aumenta a probabilidade de termos uma contabilidade nacional criativa.

E recorde-se que o PIB é um dado central do nosso quotidiano, emerso na dinâmica da actividade económica, condicionado pelas políticas eco-

nómicas, elucidado ou confundido pelo discurso político-ideológico.

Já que a crise perdura porque não aumentar o PIB via imaginação? A Europa cresce, as eleições têm mais demagogia e falsidade, o peso da dívida no produto reduz-se.

4. E porque não aproveitar a onda criativa?

Actualmente engloba-se no PIB o que os proprietários de casas que habitam pagariam se fossem inquilinos. Porque não contabilizar as relações sociais dos agregados familiares como se tivessem que recorrer ao mercado da mais “velha profissão do mundo”? Fazendo amor três vezes por semana ter-se-ia um aumento de 12% do PIB. Talvez com o sorteio de um preservativo de luxo se alcançasse um valor mais elevado! Com mais sexo até cumpriríamos o anti-social pacto orçamental.

Escreve à sexta-feira



OBEGEF
Observatório de Economia
e Gestão de Fraude

**Fazendo amor três vezes por semana ter-se-ia um aumento de 12% do PIB****SESSÕES CONTINUAS****LAURO ANTÓNIO**

A cultura é que nos salva

Sim, é a cultura que nos salva. Uma cultura quase sempre arrancada a ferros contra os poderes estabelecidos, quer se esteja em ditadura como em democracia. Há dinheiro para alijar responsabilidades de banqueiros e políticos, há capital abençoado para negócios escuros e traficâncias várias. Mas, quando chega a vez de apertar o cinto, quem leva com a ripada é a cultura. Esta gentinha que nos tem governado ao logo dos séculos, com raras excepções, não percebe que é a cultura, as artes, a literatura, a ciência e, sim, as artes do desporto também, que os torna conhecidos e que leva o nome do Portugal para fora de portas? Raros são os políticos portugueses que atravessaram fronteiras por bons motivos, e a esses curvo-me respeitosamente. Mas, este pequenino país de cerca de 10 milhões de habitantes, já deu mundos ao mundo e agora dá Nobel da literatura, dá os melhores do mundo em futebol, jogadores e treinadores, dá Pritzker, o Nobel da arquitectura, dá Grammys, o Nobel da música, e não se cansa de lutar contra o marasmo que nos é proposto diariamente pelas intervenções desastrosas de políticos que só sabem circunspectamente ajoelhar e afirmar que aprendemos a lição. Qual lição?

A lição deu-a uma vez mais a cultura portuguesa, quando Carlos do Carmo, um dos nomes essenciais da história do fado, se viu galardoado com um Grammy pelo conjunto da sua obra. Quando a Latin Academy of Recording Arts and Sciences, por unanimidade, resolve atribuir a um português mais este Grammy Lifetime Achievement Award, é todo um país que exulta. É um triunfo de um homem que bem o merece, mas é sobretudo o triunfo de uma canção nacional, o fado, e do espírito de um povo. Quando Carlos do Carmo receber, no MGM de Las Vegas, no dia 19 de Novembro, o seu Grammy, é Portugal que o levanta nas mãos. Sem divisões ou facciosismos. É a Severa, é Amália, é Marceneiro, é Lucília do Carmo, é Marisa, é Ana Moura, são todos os veteranos e os recém-chegados, é o espontâneo da taberna, e o amador da sociedade recreativa, é o público que o recebe emocionado. É conveniente os políticos, sobretudo alguns políticos, tirarem as mãos do Grammy. Não é deles. Não o merecem!

Escreve à sexta-feira